



Queixas e Reclamações

O Estado A propósito de "João da Mata" 24.7.82

Sr.:
 O Estado em sua edição de 9 do corrente, estampou uma notícia sob o título "Documentário sobre um longa-metragem pioneiro", que a meu ver está cheia de confusões e equívocos. Começa dizendo que "o documentário apresenta depoimentos dos primeiros atores, diretores e fotógrafos cinematográficos brasileiros, responsáveis pela produção do filme João da Mata, em 1923, está em fase final de montagem em Campinas", o que parece significar que antes deste filme o cinema brasileiro não teve outros técnicos nem atores ou, se for o caso, poderá também dar a idéia de que são os primeiros atores, diretores e fotógrafos que o cinema brasileiro teve em tanta profusão em seu início que estariam dando estes depoimentos, o que é meio difícil, visto que a grande maioria já faleceu. Não dá para entender.

Julgamos mais viável a primeira hipótese e neste caso, o filme "João da Mata" em que pesem seus méritos, que são grandes, não foi um pioneiro na acepção da palavra, a não ser por ter iniciado o célebre "Ciclo Campineiro".

Os que estudam a chamada 7ª Arte sabem que tivemos vários ciclos de cinema no Brasil. O primeiro deles foi o Ciclo do Rio de Janeiro, no início do século, a partir de 1906 para maior precisão, quando inúmeros filmes foram produzidos, obtendo sucessos enormes. A seguir iniciou-se o Ciclo Paulistano, por volta de 1915, pelo inesquecível Capellaro, que dirigiu e interpretou "Inocência", do romance de Taunay, "O Guarany" em sua primeira versão, além de José Medina, Rossi, Stamato e tantos outros. A seguir o Ciclo Mineiro, com Higinio Bonfioli, Humberto Mauro e demais aficionados, o Ciclo de Recife liderado por Gentil Roiz e Jota Soares, o Ciclo de Porto Alegre e finalmente o Ciclo Campineiro, responsável por João da Mata, isto a partir de 1923, data já bem avançada para que se fale em pioneirismo, pois com talvez apenas uma ressalva, os outros ciclos são em datas anteriores.

A notícia, porém, continua: "João da Mata, um documento" relata as dificuldades encontradas para a realização do que é considerado o primeiro longa-metragem brasileiro sem equipamentos e técnicas eficientes e utilizando cenários improvisados." Pelo que pode-se entender, antes de 1923, não tivemos longas-metragens, pelo menos sem equipamentos e técnicas eficientes e com cenários improvisados. Pergunto, neste caso, onde estão o meu simpático Higinio Bonfioli, que conheci pessoalmente, o Capellaro, o Lulu de Barros, o Gentil Roiz e tantos outros que produziram inúmeros longas-metragens e todos eles na base da improvisação, com uma tremenda falta de equipamentos adequados e mil e uma dificuldades, principalmente de dinheiro? De improvisação o cinema brasileiro sempre viveu. Tive a interessante experiência de atuar como extra em um filme nacional, já na década de 50, e constatei que tudo continuava na mesma: Rebatedores e refletores feitos em casa, filmadora ultrapassada, equipamento elétrico em precário estado, dando curtos a toda hora, esquecimento de acessórios importantes na hora de se iniciar as filmagens, etc. Exatamente como no início. Sabe-se que José Medina filmava muitas cenas no fundo de seu pequeno quintal, que num famoso estúdio do Rio, um carrinho de mão, desses de pedreiro, foi usado para fazer *travelings*, que muitos negativos foram inutilizados porque os "produtores" abriam as latas para verificar se não tinham sido roubados na metragem, etc., etc. Estúdios bem montados, com equipamento técnico perto do realmente necessário, tivemos poucos: A Cinédia, a Brasil Vita-Filmes e a Atlântida no Rio, a Metrópole Filmes, a Cia Sul Americana e a Vera Cruz, em S. Paulo, todos porém depois de 1927, sem contar modernamente o de Mazzaropi, sem dúvida um dos melhores equipados.

Continuemos, porém, lendo a notícia: "A intenção foi registrar os depoimentos do primeiro ator que o país teve trabalhando em um longa, Angelo For-

ti, hoje com 84 anos, e Tomás di Tulio, o primeiro cinegrafista, técnico de laboratório, editor, elaborador de letreiros e realizador de efeitos especiais". Não queremos em absoluto denegrir a contribuição deles para o nosso cinema, porém, por que o primeiro ator, o primeiro técnico, etc.? Tivemos centenas de outros antes. O próprio Bonfioli fazia de tudo. Dirigia, interpretava, revelava, editava, tudo, tudo. O nosso cinema primitivo chegou até a ponto de contratar o grande ator brasileiro Leopoldo Fróes, no ano de 1915, para interpretar o filme "Perdida", muito embora tivéssemos outros antes de Fróes.

O ciclo de Campinas, é claro, foi de um grande valor para o nosso cinema. Produziu com requintes de direção, fotografia e outros requisitos para bons filmes "João da Mata", "Sofer para Gozar", "A Carne", "Mocidade Louca" e "Alma Gentil". Contribuição em nada para se desprezar como se vê, tudo isto porém na década de 20.

Vale a pena citar os nomes de alguns daqueles que foram os responsáveis pelo admirável Ciclo Campineiro. O primeiro, sem dúvida, é Tomaz di Tulio, merecedor realmente do título de um dos grandes gênios improvisadores do cinema brasileiro, Filipe Ricci, Amilcar Alves, E. C. Kerrigan (o misterioso e imprevisível Eugenio Centenaro, falso egresso de Holywood e cujo fim até hoje é ignorado), Antonio Dardes Neto e tantos outros. Dignos exemplos de esforço e de amor pelo nosso cinema. Apenas o que me levou a tentar corrigir o que achei que estava errado na notícia é o preito que devemos a outros pioneiros de tempos bem mais remotos e também para que, futuramente, um estudioso mais desavisado possa encontrar naquela notícia informações erradas e transcrevê-las como verdadeiras. Este foi apenas o meu intuito. **Roberto Corrêa Stiel, Capital**

N. da R. — A primazia de "João da Mata" é registrada oficialmente pelo Ministério da Educação e Cultura, razão pela qual vem sendo produzido um curta-metragem, didático, a respeito do filme.